

## O MENDIGO

João Bosco de Araújo Moreira

(O que me disse um homenzinho qualquer, num banco de praça qualquer)

Sou irremediavelmente pobre, meu chapa, e caso não acredite, basta ir tomando nota do que não tenho, pôxa, não tenho nada, deixe ver, não tenho um Jaguar XK-E de dois lugares e rodas de magnésio, não tenho uma casa rústica com lareira, não tenho mais vinte anos, não tenho mais orgulho nem pretensão, não tenho dinheiro no banco nem ações do Banco do Brasil, não tenho o menor empenho em construir grandes obras sobre minha vida pra não correr o risco de vir a ser esmagado, não tenho ambições, afora pequenos caprichos e nem de longe consigo compreender e aceitar esse espírito de competição que motiva e deteriora a nossa sociedade desumana e sem amor, não tenho céu nem inferno simplesmente pelo fato de não dispor de outra eternidade senão esta onipresente, estou vazio, sem dúvida, não tenho nada em mim, exceto a chama exígua e contingente de um homenzinho polido, simplificado, reduzido exatamente ao essencial, não tenho sorte no jogo e quem dera no amor, é difícil pra burro entrar em sintonia com alguém, quando se almeja algo que transcenda meras relações de cama, copo e cozinha, quando se busca uma sintonia por assim dizer à potência do absurdo, puxa vida, isso é realmente quase impossível mas é bom e

estimulante tentar sempre, e também não tenho um jardim e um gramado e um cachorro Dalmata, não tenho um viveiro de colibris, não tenho conseguido evitar que meus pombos-correio se percam nas grandes distâncias, não tenho e nunca tive um pingo de ouvido musical e de afinação, daí minha identificação com o silêncio, do qual retiro mensagens definitivas, não tenho frequentado o Iate nem a Praça da Liberdade nas manhãs de domingo, embora ache bárbaro o ambiente descontraído da Praça, o qual me deixa claro por dentro, não tenho vantagem pra contar e inclusive minha castrotrófica capacidade de deslumbramento e de ternura costumou esconder atrás de uma cara fechada em legítima defesa, não tenho lido jornais pra ver se consigo um pouco de paz de espírito, é insuportável ler tanta mentira, tanta notícia tendenciosa, tanto elogio aos poderosos, chegando os colonistas sociais ao cúmulo de promoverem espias a personalidades, ah, esses caras de jornal e os caras que estão por trás deles nunca me enganaram e podem ter a certeza e a raiva de que nunca me enganarão porque eu penso, eu vivo pensando e eles não admitem que eu possa pensar por mim mesmo e não tenho escrito como antes porque a autocrítica finalmente resolveu baixar em mim, não tenho dormido depois do almoço, não tenho visto bang-bangs que não sejam italianos, não tenho comido gelatina colorida, não tenho visto circo, não tenho ouvido piadas razoáveis, das saudavelmente pornográficas, não tenho desfrutado de boa memória, o que não considero de todo mal visto ser preferível esquecer, não tenho usufruído de tantos sonhos quantos sinto necessidade de ter, não tenho conseguido a serenidade indispensável à meditação e ao domínio dos apelos e condicionamentos imediatistas, não tenho mais saúde pra conviver com puxa-saco e com patife, não tenho heróis e considero heroísmo uma burrice, inclusive estou seriamente convencido de que se continuar aparecendo herói desse jeito, a História não vai dar conta, não tenho vocação pra robô de modo que ignoro carnaval, ano bom, aniversário, dia do papai, dia da vovó, semana disso, olimpíada daquilo, ano não sei do quê, centenário não se de quem, meu deus do

EDIÇÃO ESPECIAL

com tecidos e acabamentos e viver cada dia mais confortavelmente

TECHNOS  
OF THE  
COUNTRY



ATLANTIC

PRODUCT



COLÓIAU 2

O homem urbano  
tem se tornado  
mais interessado

ou mais passivo em relação ao  
destino de sua cidade?

céu, que qui é isso? e não tenho coragem de andar de avião, aliás não tenho coragem de espécie alguma e se alguma vez fui corajoso, confesso que o fui impensadamente e violentando princípios elementares de prudência e de preservação da espécie, não tenho sido simples como serei depois que sofrer tudo e de sentir cem mil estrelas cadentes mergulharem no abismo, não tenho um filho e sei que é fundamental ter-se um filho feito com amor e cuidado, e juntamente com ele crescer as novas perspectivas, o novo tempo, as novas imagens, não tenho mais a manivela de soltar papagaios e então não tenho olhado suficientemente para o céu, o que importa numa degeneração de minha antiga aptidão para vislumbrar clari- dades e objetos aéreos não identificados, não tenho mais a sensibilidade que tive e lastimo reconhecer que aos poucos o tempo vai matando a criança que grila dentro de mim, aos poucos vai sobrando apenas o homenzinho cansado, não tenho mais também tantas tristezas, hoje nada me colhe de sur- presa ou me acontece de improviso, não tenho relido mestre Henry Miller, não tenho a estrutura e a harmonia interior que sonho conseguir lá pelos quarenta anos, não tenho apego a cargos ou honrarias, não tenho paquerado o mínimo indis- pensável nem tenho namorado garotas de olhos verdes ou azuis e isso de certa forma é trágico, embora reconheça haver feito boa economia com isso, não tenho ido ver os canários do Alcides no Mercado, não tenho xingado a mãe dos outros como é corrente e salutar, não tenho visto folhinhas de mulher pelada enquanto espero que me façam o embrulho, não tenho encontrado muitos templos que não estejam transformados em ginásios ou em estacionamento e agências de automóveis, em verdade não tenho acreditado em salvadores, uma vez que ninguém sabe nada e quando alguém se arvora em abrir a boca, é apenas com a intenção de matar a própria fome ou para pedir pra melhorarem o tempero de seu feijão, não tenho torcido como torcia pelo galo, afinal não ganho bicho nem ganho nada com futebol, não tenho acertado na Loteria Es- portiva e acho isso uma lástima, eis que a loteria representa minha única chance de emancipação e de alforria, não tenho

viajado o bastante por aí, melhor dizendo, tenho fugido muito pouco de mim, melhor acrescentando, acho que não tenho escapatória, encravado como estou dentro da tradicional fossa mineira e então não tenho chances de superar a mediocridade que adere à pele da gente, vinda de todos os lados, do rádio, jornal, televisão, da poeira levantada por mil gerações de alienados e que turva os olhos da gente e a gente pouco consegue enxergar além de belos e mórbidos horizontes, não tenho ido comer na Cantina do Donato em Caeté, não tenho ido ver sapatos no Guido e revistas estrangeiras naquela agência debaixo do Cine Brasil, não tenho freqüentado meus antigos colegas e meus poucos amigos, meu tempo tem sido dilapidado no moto contínuo de angariar o pão cada vez mais difícil e com o gosto cada vez mais amargo, não tenho observado respeito pelos direitos humanos, ah e esse negócio de guerra então me dá nojo e acho que o mundo deve acabar, se jovens tiverem de continuar morrendo pra lubrificar com seu sangue as caixas registradoras dos velhos, não tenho observado também, com a freqüência desejável, grandeza de atitudes, cavalheirismo, delicadeza de sentimentos, sutilezas no trato, finura nos detalhes, até honestidade tornou-se coisa rara, sendo corrente apenas o quinal, a grossura, a impostura, a covardia, a traição, o deboche, o artificialismo, a lei do mais forte e o desastre, não tenho uma solução para os que estão morrendo de fome e não me perdôo por isso, não tenho uma verdade e embora ouça os discursos, os gingles e as mensagens comerciais dos donos maiores e intransigentes da verdade, julgo que ela realmente nos escapa, por sermos meros homenzinhos perdidos dentro de um infinito impensável, colossal e muito além de nossas possibilidades, de nossa ambição, de nosso egoísmo, de nosso orgulho e de nossas conjeturas, sim, por isso não tenho ódios e as pessoas que já me fizeram mal, as pessoas que oprimem e esbulham, causam-me simplesmente pena e tento continuamente compreendê-las pela compreensão de seus problemas muito pessoais e, da mesma forma, espero que as pessoas a quem, por desgraça, eu tenha prejudicado, me perdoem porque também eu estou cheio de problemas, imaturi-

dade e ignorância, não tenho mais tantas esperas, mil esperas já tive, esperei com fé, determinação e sonho e nada sucedeu, talvez o messias, a boa fada e o milagre já não aconteçam nestes tempos inóspitos, mas não custa esperar mais um pouco, a derradeira espera, não tenho, enfim, alternativa razoável senão arriscar a incerteza de meus passos de mendigo na direção do que der e vier, até que ocorra de fato o fato consumado, o qual acolherei com o sorriso que costumo acolher as dádivas porque no fundo, no fundo, acho que só tenho uma coisa, é isso mesmo, bicho, acho que tenho a inocência.